

## O IMPACTO DO (RE) PLANEJAMENTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM <sup>1</sup>

<sup>2</sup>Mariana Pricila de Assis, Antônio Carlos Segundo<sup>3</sup>, Maria Aparecida Gomes Barbosa

<sup>2</sup>Graduanda do curso de licenciatura de Geografia (UERN)

<sup>3</sup>Graduando do curso de arquitetura (ESUDA)

Doutoranda do Programa de Pós- Graduação em Educação (PROPED UERJ)

<sup>2</sup>*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), marianasonhadora@hotmail.com*

<sup>3</sup>*Faculdade de Ciências Humanas (ESUDA), antonioaarquiteto@yahoo.com.br*

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), cidaupe@yahoo.com.br*

**Resumo:** Este artigo apresenta a importância do (re) planejamento de ensino pelos professores, de acordo com o contexto e os sujeitos aprendentes. Trazemos os fundamentos teóricos de Barbosa (2006), Bruner (2001), Cury (2013) e Senna (2003). Os sujeitos contemporâneos são sujeitos multifocais, conectados às tecnologias hipertextuais, que torna o aprendizado mais prazeroso, sem fragmentação de tempo-lugar, eles aprendem nas escolas/ universidades, espaços físicos e, em espaços virtuais, a qualquer hora, com as fontes inesgotáveis de informações dessas tecnologias. Este estudo constata-se que para o estudante apreender (=reter os conteúdos com significados para a sua vida), o professor precisa rever a sua forma de planejar o ensino, sempre e quantas vezes forem necessárias, caso contrário, o aluno continuará a frequentar a escola, com a finalidade única de decorar teorias, transcrever concepções de autores consagrados por seus pares na academia, mas, não é o sujeito que constrói seu aprendizado.

**Palavras-chave:** Planejamento no ensino. Cultura Cartesiana. Sujeitos Multifocais.

### INTRODUÇÃO

A tarefa árdua do educador não é apenas ensinar, mas saber ensinar tornando o processo de aprendizagem estimulador para os alunos, mas o grande dilema é como mobilizar e replanejar um ensino melhor? Se as instâncias educativas; escolas às universidades, insistem em formar sujeitos dentro de um labirinto fechado, retrocedendo a era contemporânea que o conhecimento tornar-se autônomo e o aprendizado ocorre em todos os lugares com inúmeros instrumentos pedagógicos.

A cultura contemporânea abre um leque de uma nova geração de alunos hipertextuais, inquietos com o mundo em suas mãos; os smartphones e tablets, causa uma revolução no ensino tradicional que se estendeu a décadas nas escolas do ensino básico ao superior, mas, que

---

<sup>1</sup> Este trabalho é o resultado da disciplina Didática, inserida no componente curricular do curso de Geografia, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), CAMEM.

infelizmente continua a existir o método linear de ensinar. Partimos do pressuposto do impacto que o replanejamento no ensino causa nos sujeitos da aprendizagem.

## **Metodologia**

Este estudo é de fontes secundárias que segundo Lakatos (2010), pesquisa bibliográfica de autores que estudam a temática, pesquisa de artigos, obras e dissertações.

O embasamento teórico dos autores direcionou a corrente de pensamento de Barbosa (2006), De comunicador social a professor universitário, Bruner (2001), Cultura da Educação, Cury (2013), Pais brilhantes e professores fascinantes, Senna (2003), O planejamento no ensino básico e o compromisso social da educação como letramento.

### **1. O impacto das práticas pedagógicas do professor no processo de ensino /aprendizagem**

As provas escolares pouco estimulam os alunos a serem sujeito com mentes críticas reflexivas, continua a memorização de conteúdos, em que bater a capa do livro é mais importante do que saber ensinar, pouco importando se o aluno aprendeu realmente o conhecimento mediado. Uma vez que os conhecimentos aprendidos com/no cotidiano social desses sujeitos não são reconhecidos pela cultura cartesiana científica da escola/universidade.

O conteúdo disciplinar pouco há uma interação com o cotidiano dos mesmos, tornando o método científico para alguns estudantes sem nenhuma utilidade. Percebe-se que os métodos mecanicistas é advindos da formação dos professores, pois as universidades constantemente utilizam uma reprodução da didática estática; as provas são convencionais, a avaliação dos universitários se detém com prova valendo 10, as respostas são cobradas por alguns educadores a ser o mesmo que está no livro, caso o aluno escreva seu ponto de vista aliando a mesma corrente de pensamento do método científico, mas com outras palavras, porém significando o mesmo sentido, não é considerado, então, percebe-se que as respostas das avaliações é (CTR C e CRT V), e o aprendizado do sujeito resulta em que? Bom em nada, pois ao aluno/universitário escreve tudo na folha de papel, mas, logo esquece de tudo que transcreveu na prova, esse resultado é pelo fato de não ter acontecido o aprendizado significativo, há uma mera copiação do conteúdo. Então, que tipo de professores as universidades estão formando?

Então, como ensinar melhor para tornar o processo de aprendizagem eficiente para os sujeitos aprendentes? o planejamento do ensino deve ser executado com didáticas que esquematize a melhor forma do professor ensinar, para que o aluno/universitário apreenda melhor. Mas,

constantemente as ações de alguns educadores retrocedem a reforma no planejamento no ensino, pois, a cultura científica escolar é a única considerada como legítima e correta, os sujeitos da aprendizagem diariamente percebe que a sua cultura social, os saberes aprendidos em outros ambientes extra escolares, vivenciado no cotidiano, é excluída do ambiente educativo.

Senna (2003), o projeto pedagógico de formação de leitores de um mundo interdisciplinar se manifesta constantemente no projeto político pedagógico de cada escola e o planejamento curricular dos diversos professores, mas não se trata de um novo paradigma de alfabetização construtiva, mas de um resgate de questões da natureza antropológica e sócio cognitiva, relacionado as necessidades específicos de sociedades de cultura predominantemente oral e sob forte influência de fatores de exclusão. Todo aluno é capaz de construir conhecimento, mesmo que o aluno demonstre de forma que a instituição compreenda como não ilegítima; toda inteligência se organiza de modo a interligar com o contexto social, mas o tipo de experiência do mundo que a escola leva para os alunos é completamente diferente do contexto social que os alunos vivem; o contexto escolar convive com dois modos de construir conhecimento; contexto escolar e o modo da cultura do cotidiano extra escolar.

O estudante tem necessidades e talentos peculiares que é imprescindível ser enxergados pelo mediador do conhecimento em sala de aula, a descoberta resultará em um planejamento de ensino que torne os saberes escolares mais prazerosos, tanto para o aluno como para o professor na interação no espaço escolar. O aluno precisa perceber como mobilizar em seu cotidiano a teoria estudada, caso contrário, o aporte teórico de livros, apostilhas, artigos e dissertações, as teorias continuarão a ser uma mera leitura desmobilizante.

Bruner (2001) nos ressalta-nos, quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender. Ou seja, ao educador ensinar ele ao mesmo tempo aprende com a troca de experiência com o educando, e ao educando aprender ensina com o aprendido, mediado pelo educador. Mas, nos deparamos cotidianamente com a carência no planejamento pedagógica de trazer o aluno para o contexto do conteúdo ensinado em sala de aula, tanto nas universidades/escolas, as cadeiras são alinhadas, moldando os sujeitos a se comportarem de acordo com as regras pré estabelecidas pelo sistema, o ambiente educativo pouco representa a identidade dos sujeitos, mediante a um novo perfil de estudantes com tecnologias hipertextos, é contraditório, as exigências das instituições tentar moldar os sujeitos, então, os mesmos obedecem as ordens para conseguirem sobreviverem ao sistema, que se distancia da realidade da cultura presente cotidianamente no dia-a-dia dos estudantes.

Para tornar o processo de aprendizagem estimulante é essencial o professorado reavaliar suas práticas pedagógicas, entre elas Cury (2013) nos orienta alguns hábitos para que os professores tornem o ensino/aprendizagem mais eficiente:

O primeiro hábito: *Bons* professores têm uma **excelente cultura acadêmica** e transmitem as informações com segurança em sala de aula. *Os professores fascinantes ultrapassam essa meta*, eles procuram conhecer como funciona a mente de cada aluno para ensinar melhor, para esse tipo de professor cada educando tem suas necessidades peculiares, e o sinônimo de educar é ser um semeador de ideias, um artesão da personalidade e um poeta da inteligência.

Segundo hábito, *Bons professores possuem metodologia*, falam com a voz, são didáticos, mas, *professores fascinantes*, falam com os olhos, **possuem sensibilidade** para falar no coração dos seus alunos.

Terceiro hábito, *Bons professores educam a inteligência lógica*, *professores fascinantes educam a emoção*.

Quarto hábito, *Bons professores ensinam seus alunos a explorar o mundo em que estão*, *professores fascinantes ensinam os alunos a explorar o mundo que são*.

Quinto hábito, *Bons professores usam a memória como depósito de informações*, *professores fascinantes usam a memória como suporte da arte de pensar*.

Sexto hábito, *Bons professores cumprem o conteúdo programático das aulas*, *professores fascinantes também o cumprem*, mas seu objetivo fundamental é ensinar os alunos a serem pensadores, e não reprodutores de informações.

Sétimo hábito, *Bons professores são mestres temporários*, *professores fascinantes são mestres inesquecíveis*.

Oitavo hábito, *Bons professores se preocupam com as notas dos alunos*, *professores fascinantes se preocupa em transformá-los em engenheiros de ideias*, ser um mestre inesquecíveis é formar seres humanos que farão a diferença no mundo.

Nono hábito, *Bons professores corrigem comportamentos agressivos dos alunos*, **professores fascinantes resolvem conflitos em sala de aula**.

Décimo hábito, *Bons professores educam para uma profissão*, *professores fascinantes educam para a vida*.

O planejamento no ensino voltado para a aprendizagem inserido dentro da cultura dos sujeitos aprendentes, inserindo a importância de explorar a especificidade de talento de cada estudante, é uma revolução nas disciplinas escolares e conseqüentemente um estímulo para que

aprendizado realmente faça efeito nos mesmos. Mas, para isso é fundamental quebrar paradigmas mecanicistas, reprodutores do conhecimento que está dentro dos muros das instituições formadores de professores. Senna (2003) nos salienta que:

[..] Para alguns alunos, a cultura escolar, seus hábitos e sua forma de pensar, pode significar a perda de suas marcas sociais, de seus vínculos afetivos extra-escolares ou até de suas condições imediatas de sobrevivência. A confiança no papel que a escola possa ter em seu futuro não pode em, nenhuma circunstância, banir dos alunos a possibilidade de transitar entre os dois mundos: o da cultura escolar e o seu próprio, no qual estão as suas vidas e os seus desejos. (SENNA, 2003, p. 10).

## CONCLUSÃO

O (re) planejamento de ensino é um instrumento norteador da prática pedagógica entre professor e aluno e precisa ter como foco a interação entre esses atores. Contudo, não é bem o que acontece nas escolas e universidades do país. Os planejamentos de ensino dos professores, em geral, atravessam semestres (no caso da Universidade), enquanto os estudantes mudam a cada semestre. No caso da escola o professor tem apenas um único planejamento de ensino, independente do ano, muitos desses planejamentos atravessam anos, décadas, e tem nos livros didáticos o único instrumento norteador do quê e como ensinar. Logo, o nosso questionamento e a nossa reflexão com este estudo ficam sem resposta, e a reflexão? Bem, esta fica claro através dos baixos índices das avaliações da educação básica, executada pelo IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica -, e pela corrida aos cursos preparatórios para a realização do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio. E o que dizer da Universidade? Esta também não fica atrás, afinal, o modelo de (re) planejamento é o mesmo que o de todos os níveis escolares. O (re) planejamento do ensino é também sonhada pela autora Barbosa (2006), as informações precisam tonar-se em conhecimento e o conhecimento em experiência. A interação pedagógica que deve acontecer na docência universitária, é para que o aluno seja o polo central desse processo. Há grande estímulo do professor para que o estudante fale, exponha o seu ponto de vista, faça reflexões acerca das leituras e discussões que permeiam todo o evento da aula, constituindo-se num evento interativo e tornando-o sujeito autoral de suas narrativas, mas essa interação pedagógica não constitui a regra do processo ensino-aprendizagem, mas, sim a exceção.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. G. **De comunicador social a professor universitário.** A construção dos saberes docentes. Dissertação de Mestrado. PPGE/UFPE. 2006.

BRUNER, J. **Cultura da educação.** Lisboa: Casagraf Artes Gráficas, 2001.

CURY, A. **Pais brilhantes e professores fascinantes.** Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

SENNA, L, A, G. **O planejamento no ensino básico, e o compromisso social da educação como letramento.** Campos, 2003.

LAKATOS E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.